

## **“Sou menina, menina feminina. Sou menino, menino masculino”: estereótipos e práticas pedagógicas de gênero a partir de dois vídeos musicais**

“Soy una chica, una chica femenina. Soy un chico, un chico masculino”: estereotipos y prácticas pedagógicas de género a partir de dos vídeos musicales

“I am a girl, feminine girl. I am a boy, masculine boy”: stereotypes and pedagogical practices of gender from two religious music

---

MAURÍCIO JOÃO VIEIRA FILHO<sup>1</sup>,  
MARIANA RAMALHO PROCÓPIO<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Neste artigo, objetiva-se discutir como as práticas sociais de gênero se instauram por meio de processos pedagógicos que classificam os sujeitos em enquadramentos normativos. Para tanto, dois vídeos musicais gospel direcionados à infância são problematizados: “Nosso gênero vem de Deus”, do Trio R3, e “Não dessa vez”, da dupla Sr. e Sra. Lobos. Disponíveis na plataforma *YouTube*, as duas situações de comunicação têm semelhanças quanto ao endereçamento para crianças e pais, que seguem o movimento religioso evangélico, e por tentarem reiterar o gênero em

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Desde 2019, é integrante do DIZ – Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença. E-mail: [mauriciovieiraf@gmail.com](mailto:mauriciovieiraf@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atua como docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio doutoral realizado na Université Paris-Est Créteil, na França. É líder do DIZ - Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença e coordenadora do NIEG - Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero da UFV. E-mail: [mariana.procopio@ufv.br](mailto:mariana.procopio@ufv.br).

uma perspectiva binária como natural e, mais ainda, divina. Metodologicamente, procuramos ancorar nossa abordagem em uma perspectiva discursiva em interface com a psicologia social. Com esse enfoque, os estereótipos podem ser compreendidos como representações socialmente partilhadas fundamentais para a vida em sociedade.

**Palavra-chave:** Gênero; Estereótipos; Práticas pedagógicas; Vídeos musicais gospel; Discurso.

**Resumen:** Este artículo pretende discutir cómo se establecen las prácticas sociales de género a través de procesos pedagógicos que clasifican a los sujetos en marcos normativos. Para ello, se problematizan dos vídeos de música gospel dirigidos a los niños: “Nosso gênero vem de Deus”, del Trío R3, y “Não dessa vez”, del dúo Sr. y Sra. Lobos. Disponibles en la plataforma *YouTube*, las dos situaciones de comunicación tienen similitudes por dirigirse a los niños y a los padres, que siguen el movimiento religioso evangélico, y por tratar de reiterar el género en una perspectiva binaria como algo natural y, aún más, divino. Metodológicamente, buscamos anclar nuestro enfoque en una perspectiva discursiva en interfaz con la psicología social. Con este enfoque, los estereotipos pueden entenderse como representaciones socialmente compartidas que son fundamentales para la vida en sociedad.

**Palabras clave:** Género; Estereotipos; Prácticas pedagógicas; Vídeos de música gospel; Discurso.

**Abstract:** This article aims to discuss how social gender practices are established through pedagogical processes that classify subjects in normative frameworks. To this end, two gospel music videos aimed at childhood are problematized: “Nosso gênero vem de Deus”, by Trio R3, and “Não dessa vez”, by the duo Sr. e Sra. Lobos. The two communication situations available on the *YouTube* platform, have similarities, as they are aimed at children and parents, who follow the evangelical religious movement, and in trying to reiterate gender in a binary perspective as natural and, even more, divine. Methodologically, we seek to anchor our approach in a discursive perspective in interface with social psychology. With this focus, stereotypes can be understood as socially shared representations that are fundamental to life in society.

**Keywords:** Gender; Stereotypes; Pedagogical practices; Gospel music videos; Discourse.

## Introdução<sup>3</sup>

No cenário contemporâneo brasileiro, as questões relacionadas às diferentes maneiras de ser e estar no mundo (SIBILIA, 2016) vêm sofrendo perseguições de grupos extremistas à direita e conservadores. Durante e antes do último governo em vigência no Brasil, as pautas ligadas às diferenças e, especificamente, no que concerne ao gênero se tornaram objetos de negligência e silenciamento, cujo projeto político tenta apagá-las do debate público. Jair Bolsonaro, presidente do país entre 2018-2022, é figura central nos ataques contra a comunidade LGBTQIA+ e as mulheres, com discursos marcados por violências ao longo de seu mandato e carreira política como parlamentar.

Nesse horizonte de ataques, principalmente oriundos da década de 2010 em diante, o uso de estratégias subversivas, como a desinformação, automatização de perfis em plataformas on-line e manipulação conceitual para tirar proveito em favor próprio<sup>4</sup>, fez com que políticos de direita juntamente a religiosos usassem da pressuposta ideia de liberdade de expressão para atacar grupos que iam contra seus interesses (TREVISAN, 2018). Um dos focos centrais foi o combate ao que chamaram por “ideologia de gênero”. Ao resgatar um termo da década de 1990 utilizado pela igreja católica, retoma-se a ideia de mal que paira sobre a sociedade com potencial de corromper as crianças, fazendo com que grupos com diferentes interesses se unissem a partir de um elo comum. Assim, igrejas, fiéis religiosos, políticos e economistas de direita e agnósticos se aliaram como “empreendedores morais” para combater os riscos que as discussões científicas e a mobilização por direitos sexuais e reprodutivos poderiam trazer para a sociedade. O pânico instalado por esses setores sociais teve como objeto a discussão sobre gênero, firmando-se em bases morais sob o guarda-chuva do que retomaram por “ideologia de gênero” (MISKOLCI, 2021).

---

<sup>3</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada como resumo ao I Seminário Interinstitucional e Internacional em Análise de Discurso (SIAD). Diante das considerações recebidas no evento, as quais agradecemos, apresentamos o artigo em sua versão completa, expandida e revisada.

<sup>4</sup> Conforme apreende Miskolci (2021) em uma potente argumentação a respeito do contexto político brasileiro a partir dos anos 2010, as infraestruturas digitais plataformizadas, como as redes sociais Facebook e WhatsApp, permitiram que contas falsas e automatizadas fossem criadas com o intuito de impulsionar debates permeados por imprecisões, mensagens duvidosas e mentiras, assim como fortaleceram a organização social para protestos como as Jornadas de Junho de 2013. Nessa via turbulenta de estratégias que se alastraram com a força algorítmica das redes, grupos de extrema-direita ascendem ao cenário público midiático e criam perfis, notícias e conteúdos falsos, sobretudo de fácil assimilação e aderência das pessoas.

Em vista do contexto sociopolítico em emergência no país e a imprescindibilidade em refletir os discursos circulantes sobre as diferenças na contemporaneidade, o objetivo deste trabalho é discutir como as práticas sociais de gênero se instauram por meio de processos pedagógicos que classificam os sujeitos em enquadramentos normativos. Para tanto, dois vídeos musicais gospel direcionados à infância são problematizados: “Nosso gênero vem de Deus”<sup>5</sup>, do Trio R3, e “Não dessa vez”<sup>6</sup>, da dupla Sr. e Sra. Lobos. Trata-se de produções musicais voltadas ao entendimento de que gênero é ideológico e que não deve ser questionado socialmente.

Nesse sentido, na primeira seção deste trabalho, os vídeos são descritos de modo a situar como são compostos e se tornam espaços construídos sob propósitos articulados para reiterar práticas binárias de gênero e provocar uma espécie de “pânico” sobre como os desvios perturbariam a sociedade, especificamente a formação intelectual e moral das crianças. Após essa etapa, mobilizam-se discussões conceituais de gênero a partir de Louro (2008, 2014), Butler (2019) e Miskolci (2021), as quais, tensionadas aos vídeos, demonstram como existem práticas pedagógicas cunhadas para ensinar crianças e jovens a não se “desviarem” do que é tido como correto moralmente. Em terceiro, procuramos demonstrar que tais práticas pedagógicas são desenvolvidas a partir de estereótipos (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2022), por meio de uma lógica discursiva que dissemina e arregimenta representações calcadas em lógicas binárias e essencializantes.

---

<sup>5</sup> “Nosso gênero vem de Deus” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vXo7cyfRLAc>. Acesso em: 26 fev. 2022. Todas as informações apresentadas foram coletadas até a data de acesso e estão publicadas de modo aberto para qualquer pessoa na internet.

<sup>6</sup> “Não dessa vez” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3CsHFAhpOM>. Acesso em: 26 fev. 2022. Todas as informações apresentadas foram coletadas até a data de acesso e estão publicadas de modo aberto para qualquer pessoa na internet.

## Apresentação dos vídeos musicais

Imagem 1: Thumbnail do vídeo “Nosso gênero vem de Deus” no YouTube



Fonte: canal do grupo no YouTube

“Nosso gênero vem de Deus” é uma música de 2018 cantada pelo Trio R3, composto por três irmãos: Rayane (22 anos), Rony (16 anos) e Rayssa (11 anos). O grupo se descreve publicamente no canal do YouTube<sup>7</sup> como cantores que começaram a carreira influenciados pelos pais e contam com público de todas as faixas etárias para o propósito de louvar a Deus. Nesse videoclipe, a música apresentada volta-se majoritariamente para pais e crianças, tendo em vista que o clipe é composto por meninos e meninas, separados em grupos conforme o gênero, assim como a letra, transcrita abaixo, focaliza na infância.

*Sou menino/Sou menina/Lalaia/O bondoso criador/Fez meninos e meninas/Macho e fêmea os criou/A palavra nos ensina/Não nasci no corpo errado/O meu criador amado desenhou um corpo pra mim/Sou menina, menina feminina/Sou menino, menino masculino/Não somos acidentes nem erros divergentes/Somos feitos pelo criador/ Sou menino diferente das meninas tão legais/Sou menina feminina isso é lindo e bom demais/Nosso gênero vem de Deus e não pode ser mudado/Me aceito como sou, vou cumprir o meu chamado/leieié/Sou menina, menina feminina/Sou menino, menino masculino/Não somos acidentes nem erros divergentes/Somos feitos pelo criador/Sou menino diferente das meninas tão legais/Sou menina feminina isso é lindo e bom demais/Nosso gênero vem de Deus e não pode ser mudado/Me aceito como sou, vou cumprir o meu chamado/Lalaiá/Me aceito como sou! (NOSSO, 2018, 1s-4min9s, transcrição nossa).*

<sup>7</sup> Descrição apresentada no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/TrioR3/about>. Acesso em: 26 fev. 2022.

O vídeo tem 4 minutos e 9 segundos de duração e, até fevereiro de 2022, somava 2,8 milhões de visualizações. As principais características da filmagem envolvem a separação entre meninos e meninas, sentados no chão, brincando respectivamente com brinquedos considerados adequados e específicos para cada gênero. Meninos com carrinhos e meninas com bonecas, vestindo cores respectivas ao que é tido como masculino e feminino — isto é, meninos com roupas azuis e meninas de vestidos rosas. No trecho “Sou menina, menina feminina”, as duas cantoras e algumas meninas ao fundo da imagem passam as mãos nos cabelos compridos para reiterar um atributo remetido à feminilidade. Por sua vez, na parte “sou menino, menino masculino”, o cantor levanta o braço com o punho cerrado em um gesto para simbolizar força e exaltação da masculinidade.

É importante salientar que, no *YouTube*, embora tenha grande quantidade de visualizações, o recurso de comentários dos usuários foi desativado. À época de lançamento, a produção foi criticada nas redes sociais em razão das violências reforçadas ao remeter corpos em zonas de normalidade e anormalidade, assim como condenar tudo que foge ao binário, justificando em preceitos religiosos e por envolver crianças. Ao mesmo tempo, em forma de confronto ao que “Nosso gênero vem de Deus” assinala, uma paródia intitulada “Sou travesti” de Liah Bracho insurge na plataforma como deslocamento e resposta ao binarismo<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zb\\_4IYEP9IU](https://www.youtube.com/watch?v=zb_4IYEP9IU). Acesso em: 26 fev. 2022.

**Imagem 2:** Thumbnail do vídeo “Não dessa vez” no YouTube



**Fonte:** canal da dupla no YouTube

Já a música “Não dessa vez” é uma paródia criada pela dupla Sr. e Sra. Lobos a partir da canção “Era uma vez”, da cantora Kell Smith, cuja letra original não trata de temáticas alusivas ao gênero, e sim sobre saudosismo à infância. Sr. e Sra. Lobos são Thiago Lobos e Ihasmyn Lobos, cantores, e os filhos são Gabriel Anthony e Thauanne Victoria, como descritos na ficha técnica de encerramento do próprio vídeo. Com 4 minutos e 26 segundos, a recriação foi lançada em 2017 e, até fevereiro de 2022, tinha quase 800 mil visualizações. Da mesma forma que a produção anterior, o recurso de comentários foi desativado. A letra da música, conforme transcrita a seguir, tem como propósito enfatizar o que grupos conservadores chamam por “ideologia de gênero” e como traçam a intenção de rechaçar as diferenças no que tange gênero e sexualidade, começando pela infância.

*Era uma vez/O dia em que ser criança era bom/Atencioso rosto do 'seu moço'/ Ao brincar com o seu caminhão/Dava pra ser herói/Sem ser visto como uma rotulação/E apostava na revanche e de repente/Ele era o campeão/Dava para ver/A ingenuidade da princesa passando batom/Milhões de flores e vestidos no castelo da sua imaginação/Tinha boneca, estojo de maquiagem, vamos brincar de salão/A vida era simples, divertida e brincar, era a preocupação/É que pra se desenvolver/Estão querendo rejeitar o início/Mas não fique calado/Não aceite, está tudo invertido!/Mas como viver/E aceitar que imponham às crianças esse mau?/Não vamos permitir, é insanidade achar que tudo isso é normal/Pra não perder a família vamos enfrentar essa guerra tão desleal/E defender os pequeninos da armadilha até o final (NÃO, 2017, 1s-4min27s, transcrição nossa).*

A composição do vídeo merece destaque pelos elementos mobilizados na tentativa de reiterar aspectos cristalizados nos binarismos de gênero e de apelo

à infância. O filho joga bola com o pai, brinca de carrinho e de super-herói, enquanto a filha aprende a passar batom com a mãe, pula, dança e brinca de boneca. Após essas cenas, representações imagéticas que se assemelham a manchetes de jornais entram na tela com destaques para títulos como: “repense o elogio”; “ideologia de gênero”; “menino não nasce menino e menina não nasce menina”; “arte moderna”, em referência à exposição *Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira* ocorrida em 2017; “banheiro unissex”; “criança viada”; “não existe brinquedo de menino e nem de menina, o que importa é a brincadeira”; “na novela *Malhação*<sup>9</sup>, garotos vestem saia”; e uma imagem da revista *Veja* com a capa “meu filho é trans”. Ao exibir as manchetes, um “X” vermelho cortam-nas em sinal de desaprovação ao que é mostrado. Logo em seguida, o vídeo segue para outro ambiente. Em uma sala, pais e filhos assistem à televisão, na qual se projeta a imagem de uma reportagem do *Fantástico*, programa jornalístico dominical da TV Globo, sobre uma criança trans<sup>10</sup>. Sem identificação precisa a que se tratava o conteúdo na tela, o material, trazido de forma proposital, é posto descontextualizado e apenas para o interesse de causar indignação em quem assiste ao videoclipe, já que, naquele momento, os pais simulam tapar os olhos dos filhos para que não vejam a imagem (Figura 2). O pai, enfurecido, desliga o equipamento, pega um bastão de beisebol e simula quebrá-lo. O encerramento da produção mostra a hashtag #nãodessavez, dois versículos bíblicos — Romano 12:2 e Gênesis 1:27 —, a ficha técnica e um número de telefone para solicitar o videoclipe por *WhatsApp*<sup>11</sup>.

As camadas que apresentamos se sobrepõem amalgamando elementos cujos elos são as crianças, as famílias e a pressuposição de destruição de tal fase da vida e instituição social devido aos questionamentos levantados por movimentos feministas e LGBTQIA+, pela busca social por direitos de equidade e fim de discriminações. A base religiosa torna-se o fundamento pelo

<sup>9</sup> *Malhação* foi uma telenovela produzida pela TV Globo, entre 1995 e 2020, voltado para o público de adolescentes e jovens adultos.

<sup>10</sup> A reportagem mobilizada é de 7 de abril de 2013, exibida pelo *Fantástico*. Intitulada “Família trava batalha na Justiça por direitos de criança transexual nos EUA”, o material apresenta o problema criado pela escola para impedir que Coy, uma criança transexual, usasse o banheiro feminino. No vídeo da música “Não dessa vez”, a reportagem é descontextualizada e fragmentada para expor Coy e outras crianças em cena na tela. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2503507/>. Acesso em: 26 set. 2022.

<sup>11</sup> Os versículos dizem, respectivamente: “e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente...” Romanos 12:2; e “Criou, pois, Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” Gênesis 1:27 (NÃO, 2017, 3min43s-3min57s).

qual justificaria não só enfrentar a “guerra contra o gênero”, mas proteger e defender as crianças de “todo o mal”.

## **Gênero, uma construção pedagógica**

Ao observar o contexto de emergência dos vídeos, um em 2017 e outro em 2018, percebe-se a localização sociopolítica de um cenário de pânico moral/sexual instaurado por grupos conservadores e de extrema-direita no Brasil, em que as lógicas plataformizadas da internet juntamente à disseminação de notícias falsas estabeleceram uma seara conflituosa para questões das diferenças, entre elas, de gênero (MISKOLCI, 2021). Nesse imbróglio de tensões que reuniu diferentes “empreendedores morais” no elo que selou a aliança pelo combate à “ideologia de gênero”, nota-se que “partiam da ficção de que existe uma conspiração ideologicamente orquestrada para tentar destruir a estrutura tradicional de família” (TREVISAN, 2018, p. 474).

Fundamentalmente, a consolidação dessa teoria da conspiração em torno das questões de gênero foi decisiva para que uma agenda moral se disseminasse no Brasil. Richard Miskolci (2021) apreende que a defesa da moral e da família, que se deu nos espaços plataformizados e midiaticizados, tinha como bases o propósito de ir contra à esquerda política, defender as lógicas neoliberais e resguardar a família heterossexual patriarcal como instituição social. Nesse sentido, cabe uma ponderação importante para evitarmos cair na armadilha simplista de demarcar oposições entre religiosos e laicos, como pondera o sociólogo. A cruzada moral empreendida no Brasil não permite generalizar a um fundamentalismo religioso, mas, sim, a reunião de diferentes organizações interessadas em perseguições de cunho político. Nas palavras de Miskolci (2021, p. 59), trata-se de entender que essa cruzada “(...) funcionou pela perseguição a um fantasma em que vários grupos de interesse circunstancialmente unidos projetaram seus inimigos políticos”.

*Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (LOURO, 2014, p. 45, grifos da autora).*

Gênero não é uma categoria dada aos indivíduos e pronta para ser reproduzida na vida, mas justamente o oposto, isto é, são marcações que agem sobre o corpo desde o nascimento com a indicação genital de ter um pênis ou

uma vagina e, portanto, corresponder a um ideal de masculino ou feminino, e até mesmo antes de a mãe dar à luz, com as ultrassonografias e os exames laboratoriais de sexagem fetal. Tais mecanismos ilustram como o gênero é composto não meramente pela proibição, mas pela fabulação de discursos que engendram lógicas do sexo para aquele corpo até sua morte. Poderiam ser resgatados tantos outros exemplos, como chás de revelação, indicações de cores e brinquedos para meninos e meninas etc., que mostram como há rituais de gênero participantes da constituição social e subjetiva do indivíduo. Trata-se de processos performativos, ou seja, atos de fala com capacidade de fazer, e não apenas dizer (BUTLER, 2019).

De acordo com Louro (2008, p. 18), “a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais” (LOURO, 2008, p. 18). Esse processo pode ser entendido como pedagogias que agem explícita ou implicitamente por meio de discursos tendo como propósito atingir cada um para regular a forma de ser, estar e viver.

Todas essas marcas, por outro lado, somente adquirem significados na cultura, mas de forma frouxa e movediça, haja vista que não é uma categoria trans-histórica, mas em permanente processualidade na linguagem. Por isso, constata-se a necessidade de reiteração frequente das normas nos discursos para tentar adquirir um caráter sólido na regulação dos sujeitos (LOURO, 2020). Judith Butler (2019) assinala que ocorre a construção do corpo por meio das normas de gênero, sexualidade e tantas outras que nos atravessam. Embora, de imediato, possa parecer um processo passivo entre sujeito e cultura, há embates e disputas nas relações de poder, o que evidencia a necessidade de reiteração discursiva.

A engenharia dos processos normativos é fraca, no sentido de que suas fissuras e brechas possibilitam a ação para insurgir e fazer frente ao que tentam delimitar para as experiências do corpo. Pelo fato de a linguagem escapar, essas considerações evidenciam como que os estudos de gênero põem sob o fio da navalha os parâmetros conservadores — como os empreendimentos morais apresentados — uma vez que desnaturalizam e desorganizam lógicas cunhadas em biologismos, ontologias, reprodução e aspectos religiosos<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Não é à toa que Judith Butler, quando veio ao Brasil em 2017, foi agredida e perseguida por grupos que lhe chamaram de bruxa, acusaram-lhe de depravação e exigiam a sua saída do país. Até mesmo queimaram uma boneca em formato de bruxa como um ritual da Idade Média de caça à

Logo, as confusões e os jogos em disputa na esfera de gênero dão a ver que as normas devem ser postas em debate, pois os mecanismos de coerção agem de modo violento ao corpo que corresponde à delimitação da diferença.

### **Menino e menina, azul e rosa, carrinho e boneca: estereótipos e pedagogias do binarismo de gênero**

Antes de prosseguir às análises, cabe-nos afirmar que os processos de nomeações acontecem na linguagem a partir do uso de estratégias simbólicas que conferem realidade e destaque para os fenômenos do mundo. Com isso, não existe neutralidade na linguagem, ao contrário, ela se estabelece como instrumento de poder. Ao nomear, estamos indicando coisas para além do que está sendo dito expressamente pelos processos de significação, fazendo com que algumas ganhem evidência, enquanto outras são apagadas, excluídas e colocadas à margem das possibilidades (BOURDIEU, 1989).

Em virtude de os sistemas simbólicos se estruturarem pelo poder e pela linguagem, neste trabalho, interessa-nos refletir sobre o uso dos estereótipos relacionados às práticas educativas de gênero e disseminados nas músicas aqui analisadas. Para tanto, procuramos ancorar nossa abordagem em uma perspectiva discursiva em relação com a psicologia social, calcada nos trabalhos das linguistas Ruth Amossy e Anne Herschberg-Pierrot (2022) e Sírio Possenti (2010).

Os estereótipos podem ser compreendidos como representações socialmente partilhadas fundamentais para a vida em sociedade. Por fornecerem aos indivíduos uma visão comum, um “acervo” cultural compartilhado, os estereótipos asseguram uma intercompreensão, funcionando como uma espécie de esquema cognitivo por meio do qual a realidade é apreendida pelos indivíduos. (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2022).

Inicialmente, o termo estereótipo era empregado no campo da tipografia, para designar a placa metálica utilizada na prensa tipográfica destinada à impressão de imagens e textos. Em função dessa ancoragem do conceito ao universo tipográfico, é comum a associação dos estereótipos a uma ideia de

---

corporificação do que poderia abalar a ordem social. Essas ações simbolizam como pautar gênero no Brasil é enfrentar a moralidade e o conservadorismo que pairam sob o medo de ser corrompido. Um texto autoral de Butler sobre o episódio pode ser consultado em: [https://www.academia.edu/download/55155306/Judith\\_Butler\\_escreve\\_sobre\\_sua\\_teorias.pdf](https://www.academia.edu/download/55155306/Judith_Butler_escreve_sobre_sua_teorias.pdf).

reprodução simples e sem originalidade de um enunciado, conferindo assim uma conotação negativa ao conceito (POSSENTI, 2010). Contudo,

*O estereótipo aparece, então, como um objeto transversal da reflexão contemporânea nas ciências humanas e nem sempre é considerado em seu aspecto negativo. Ele atravessa a questão da opinião e do senso comum, da relação com o outro e da categorização. Ele permite estudar as interações sociais, a relação dos discursos com os imaginários sociais e, mais amplamente, a relação entre linguagem e sociedade (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2022, p. 14).*

O estudo de estereótipos, numa abordagem discursiva, deve considerar que efeitos de sentido são produzidos a partir do emprego de saberes coletivamente partilhados. Enquanto ferramenta das produções discursivas, o uso do estereótipo representa uma estratégia ancorada na (re)utilização de modelos e representações socialmente construídos e legitimados, que proporciona o acesso ao sentido de uma produção discursiva e permite que ela seja significativa.

Por esse prisma, como principal funcionalidade discursiva, o uso do estereótipo aponta para uma zona de intercompreensão comum, uma vez que mobiliza universo simbólico-semântico de natureza familiar aos interlocutores. Por conseguinte, uma segunda função do estereótipo está associada à coesão social e a fatores de construção identitária. O estereótipo pode servir para integrar socialmente o indivíduo, ele também pode ser um fator de diferenciação entre grupos.

Não podemos, pois, esquecer que as condições para a construção da representação identitária estão diretamente relacionadas a fatores históricos, culturais, sociais, econômicos, isto é, atravessadas pelos processos relacionais nos quais o indivíduo se encontra. No entanto, esse caráter relacional tende a ser apagado, criando-se a aparência de uma universalidade das características mobilizadas nas construções identitárias estabelecidas pelo estereótipo. Conforme Possenti (2010, p. 41), o feito produzido é de que “o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção, ou pelo menos, que essas condições não incluem as efetivas relações de confronto com uma alteridade”. Assim, com as relações interdiscursivas sombreadas ou apagadas, o caráter permanente e fixante do estereótipo permanece.

Para compreendermos as pedagogias de gênero que se instauram nos vídeos, um movimento de análise é feito com base na compreensão dos estereótipos. Por serem produções discursivas que visam o reconhecimento de modo fácil e inteligível pelas pessoas, uma categorização inicial notada em “Nosso gênero vem de Deus” é a separação entre meninos e meninas. Em

grupos opostos e antagônicos, sem misturá-los e cada um correspondendo aos critérios de masculinidade e feminilidade tidos como socialmente adequados naquele contexto, o videoclipe mobiliza tais mecanismos para polarizar o binarismo em uma ótica religiosa, isto é, a partir do parâmetro de criação divina de homens e mulheres, a letra da música se organiza em reafirmar um lugar cristalizado de masculino e feminino, bem como na divisão das crianças em grupos correspondentes a esse critério. Dessa forma, o vídeo se estabelece recuperando elementos consolidados como hegemônicos para cada polo.

**Imagem 3:** Mosaico realizado a partir de três *frames* do videoclipe “Nosso gênero vem de Deus”



**Fonte:** NOSSO, 2018, 6s, 11s, 31s

Quando a letra da música destaca “O bondoso criador/Fez meninos e meninas/Macho e fêmea os criou/A palavra nos ensina/Não nasci no corpo errado/O meu criador amado desenhou um corpo pra mim/”, os cantores enaltecem crenças religiosas que se organizam na admissão de que Deus criou dois sujeitos opostos, homem e mulher, cada qual com suas características naturais. Para tornar fácil a compreensão dos interlocutores do vídeo, elementos associados à masculinidade, principalmente voltada à infância, embasam-se na cor azul e em carrinhos e, de modo oposto, a cor rosa e em bonecas associados à feminilidade. Desse modo, os processos pedagógicos que estabelecem normalizações de gênero o fazem reproduzindo construções valorativas e fixas do que vem a ser, no caso, masculinidades e feminilidades. Ao se apoiarem em representações amplamente difundidas e facilmente reconhecidas a respeito do que se espera “ser menino” ou “ser menina” na

sociedade, as músicas fixam uma identidade essencialista, permitida e normalizada para as vivências de gênero.

Na mesma linha, o videoclipe “Não dessa vez” remete ao mesmo artifício discursivo, sobretudo, retificando o que deseja assinalar com os versículos bíblicos em realce no fim da produção. Trata-se de passagens bíblicas escolhidas pela representação simbólica que carregam para os fiéis, sendo uma do primeiro livro da Bíblia, Gênesis, que relata a criação do mundo, e outro de Romanos, cujo trecho escolhido instiga a contestação, que, neste caso, remete à emergência das diferenças de gênero na sociedade. Outro ponto importante remete à escolha das brincadeiras. O começo do vídeo tem cenas dos pais brincando com os filhos (pai com o filho e mãe com a filha) de atividades consideradas “típicas” e “adequadas” para menino e menina, quer dizer, que associam a representações do que é permitido para cada criança conforme o gênero que lhe foi conferido ao nascer. As brincadeiras de meninos vão além e remetem à força, como se nota no trecho em que pai e filho brincam de lutas como super-heróis ou, em “Nosso gênero vem de Deus”, no momento em que o cantor simula um gesto de força e imponência ao dizer: “sou menino, menino masculino”. São dinâmicas de ensinamento das crianças sobre como devem ser e se comportar a partir de parâmetros ditados para moldar subjetividades.

**Imagem 4:** Mosaico realizado a partir de quatro *frames* do videoclipe “Não dessa vez”



Fonte: NAO, 2017, 22s, 47s, 52s, 1min12s

Essas representações cristalizadas, como são os estereótipos (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2022), solidificam-se ao passo que os sujeitos comunicantes projetam enunciadores e universos simbólicos facilmente reconhecidos por seus destinatários, no caso crianças e pais cristãos-evangélicos. Para tanto, valem-se do ato de circunscrever qualificações e significados que entrelaçam o que projetam para masculino e feminino, retomando lugares comuns e correspondências ontológicas. Recuperar uma ideia de infância protegida, como os trechos iniciais da música sublinham, pela ênfase à simplicidade das brincadeiras e, em seguida, ao fantasma da “ideologia de gênero” que estaria assombrando essa fase da vida, é um gesto não só de limitar as crianças no binarismo, mas de cunhar uma falsa batalha sobre algo deturpado na esfera moral.

Em ambos os vídeos, o que se nota é a estrutura das relações de gênero agindo culturalmente por meio de paradigmas de ordem natural e divina. O uso estereotipado de elementos e características culturalmente associadas ao masculino e feminino, que remontam a argumentos universalizantes e de um determinismo biológico, precisa de componentes inteligíveis, de fácil assimilação nas relações de poder, bem como mnemônicos para ser iterado nos discursos. Agir de modo direto na infância, como são os dois vídeos analisados aqui, é uma medida pedagógica entendida pelos produtores das músicas e seus públicos como maneira de coibir o “desvio” que aquela criança estaria sujeita pelo fantasma moral. Porém as ações desenvolvidas nas músicas são violências que invocam a performatividade do gênero (BUTLER, 2019) a partir de significados cristalizados.

Como nos recorda Guacira Louro (2017, p. 75), forma-se “um processo que toma por base algumas características físicas vistas como diferenças fundamentais e às quais se atribui importantes significados culturais”. E é nessa via que os vídeos se engendram, pois, a partir da nomeação do que é menino e menina, e, estritamente correspondente, ao que é masculino e feminino, por meio de atributos físicos e de construções valorativas a eles associados, tais como a força X a delicadeza e habilidades físicas X habilidades com o cuidado, estabelecem-se relações fixas ao modo como cada indivíduo deve ser e estar desde a infância. Na linha argumentativa da pesquisadora, um roteiro é pré-estabelecido antes de nascermos para sermos fiéis ao caminho sexo-gênero-sexualidade, isto é, nascer com pênis ou vagina é diretamente associado a masculino e feminino e, por sua vez, estritamente

heterossexual. Mas há “transgressões” nessa rota, barreiras que enfrentamos e lutas que travamos para poder viver.

As marcas dadas aos corpos que não se enquadram nos parâmetros das normatividades de gênero são pressões que tentam destituir o indivíduo de sua própria existência. Nesse sentido, empreendem-se abjetificações (MISKOLCI, 2020) como se fossem contaminantes da sociedade e anormais. Assim, aquelas pessoas que não correspondem às normas ou que ações pedagógicas não agem plenamente em suas vidas para normalizá-las são alvos constantes de medidas e inscrições para corresponderem aos anseios sociais. Não parece ser à toa que a música consiste, em sua maior parte, em iterar a correspondência entre menino/masculino e menina/feminina.

Contudo, ainda que a lógica normalizadora seja preponderante, os movimentos de escape e de estranhamento são reconhecidos, uma vez que são nomeados. Em “Nosso gênero vem de Deus”, trechos como “não nasci no corpo errado” e “não somos acidentes nem erros divergentes” explicitam a condenação do cruzamento de fronteira de gênero e demonstram a discordância com as vidas que não correspondem à rota predestinada. Nota-se que são mobilizadas construções linguísticas com valores axiológicos morais (certo X errado) para mencionar situações em que o sujeito não se reconhece com o corpo biológico e, conseqüentemente, com a construção genérica que fora previamente atribuída. Nesse caso, os versos são precedidos pelo advérbio “não”, que adquire valor de negativa enfática para o que é dito.

O mesmo se dá nos trechos de “Não dessa vez”: “Estão querendo rejeitar o início/Mas não fique calado/Não aceite, está tudo invertido!/Mas como viver/E aceitar que imponham às crianças esse mau?/Não vamos permitir, é insanidade achar que tudo isso é normal”. Invocar a intolerância, por meio, inclusive, de construção linguística na modalidade imperativa, compõe a estratégia discursiva da música que convoca para a ação de negação e questionamento daquilo que se diferencia da norma. A seleção lexical do trecho em destaque parece estar relacionada ao universo semântico de pânico moral como meio de ligar o alerta social para o perigo fabulado (a não correspondência entre gênero e sexo biológico).

A força argumentativa dos versos é reforçada pelas imagens do clipe, que evidenciam o perigo vindo principalmente da mídia, por meio de recortes e imagens de notícias e conteúdos que problematizam as questões de gênero. A reação convocada nos versos é também convocada pelo clipe em imagens: não permitir que crianças sejam expostas a tal conteúdo, seja tapando seus

olhos ou, em medida extrema, destruindo tais conteúdos (no clipe, o pai aparece em vias de quebrar a televisão com um taco de beisebol).

Por fim, nota-se, em ambas as produções musicais, o reforço à norma por meio do investimento na produção de sujeitos que, ao crescerem, corresponderão aos ideais cristãos estabelecidos como moralmente corretos. Para regular o gênero, as músicas apelam para estereótipos nos quais os enunciados são cunhados com base religiosa em algo dado e não contestado, que viria de ordem divina estabelecida pela narrativa bíblica. Ao operar o que é “normal” para o binarismo, reiterando atributos generificados, a ação é de regulação, normativa, de atestar o lugar de correspondência de cada corpo a fim de coibir qualquer extravio à norma naquela criança considerada “uma página em branco” que deve ser resguardada e, ainda, assegurar que uma pressuposta realidade congênita seja seguida ao longo da vida.

As “pedagogias culturais”, como explica Guacira Louro (2008), são mecanismos de controle para prescrever o que é correto, normal e tolerável dentro da cultura. Neste corpus de análise, percebemos algumas ações pedagógicas diretas nas construções dos vídeos, mas, em nossas vidas, estamos imbuídos por diretrizes que aparecem notoriamente em discursos e ações cotidianas e outras que agem de forma oculta e podem passar despercebidas. Diante dessas características pedagogias que visam instaurar as normas na cultura, gênero é uma conformação da experiência da pessoa e do corpo que se estrutura por diferentes normas e interpela nossas relações. Salienta-se, portanto, que se trata de “um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável (...) posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’” (LOURO, 2020, p. 16).

Ao lidarmos com as normas, devemos atentar para o fato de serem processualidades que se dão na língua, por mecanismos simbólicos e práticas discursivas cujos resultados são construir significados mais ou menos sólidos que serão transmitidos na sociedade, como é o caso dos estereótipos. Tais normas não se fixam apenas em componentes linguísticos, mas se configuram como processos de significação que atravessam tempos, culturas e pessoas para que todos possam aprender regularmente. Cabe-nos, pois, desnaturalizá-las, questioná-las, corrompê-las e degradá-las já que ensejamos por uma sociedade que tem a alteridade como princípio constitutivo de sua organização.

## Considerações finais: da moralidade à pedagogização

Em vista de discutir como as práticas sociais de gênero se instauram por meio de processos pedagógicos, neste artigo, dois vídeos de música gospel evangélica foram problematizados. As semelhanças quanto ao período sócio-histórico de produção e circulação dos vídeos apontaram para a emergência de uma ideia de pânico moral a ser combatido (MISKOLCI, 2021), fundado nos valores religiosos e morais mobilizados. Diferentes “empreendedores morais” (como aliados de extrema-direita, cristãos, agnósticos e grupos com ideais conservadores ligados pelo intuito de repreender os debates de gênero no contemporâneo), dos quais situamos aqui segmentos religiosos, cunharam uma espécie de batalha em que se colocaram no patamar de “bem” contra aquilo que seria lido como “mal” em termos de diversidade sexual e gênero. Em contextos conservadores, como o contemporâneo brasileiro, há polarizações na esfera política para demarcar bem x mal (PROCÓPIO XAVIER; VIEIRA FILHO, 2020), entoados em discursos presidenciais de Jair Bolsonaro, mas em ascensão antes de sua vitória eleitoral ao cargo de presidente, como nota Miskolci (2021). Desde os anos de 2010, a cruzada moral foi ganhando tónus no Brasil em razão das convergências que os contextos de desinformação, plataformização e de autoritarismos trouxeram a partir da armadilha da “ideologia de gênero”.

Esse horizonte nos aponta para o objetivo das produções de cunho cristão-evangélico: reafirmar que não existe gênero, e sim masculino e feminino. No entanto, o que se nota é a repetição de elementos generificados para se atrelar a um estatuto ontológico que deve ser resguardado desde a infância. São estereótipos repetidos para que seus interlocutores assimilem e compartilhem aquele discurso. Vale salientar que, para alcançar mais público, ao final do vídeo “Não dessa vez”, há divulgação de um número de *WhatsApp* para receber o conteúdo no celular. Essa ação indica apoio estratégico do ponto de vista comunicacional por permitir que aquela situação de comunicação se expanda para além das dimensões do *YouTube* por meio do compartilhamento entre contatos. Diferente das mensurações de dados de outras plataformas como o próprio *YouTube* com a divulgação do número de visualizações, o *WhatsApp* não possibilita saber quantas vezes uma mensagem foi encaminhada e nem mesmo o alcance que conseguiu. Ao se apropriar das lógicas plataformizadas, criam-se outras situações de comunicação que extravasam as camadas do on-line para o social e que estão pari passu aos mecanismos que ascenderam a “ideologia de gênero” ao cenário nacional.

As pedagogias de gênero foram articuladas pelos idealizadores dos videoclipes explicitamente na tentativa de engendrar crianças e pais. Em “Nosso gênero vem de Deus”, o fato de o videoclipe e a música cantada serem protagonizados por crianças mostra a prescrição direta para o mesmo público. Com uma letra repetitiva e refrão que entoa “sou menina, menina feminina” e “sou menino, menino masculino”, o caráter pedagógico não só evidencia a norma operando para correspondência binária, mas de forma implícita na exclusão e no apagamento de todas as diferenças a esse padrão normativo. Vidas que não correspondem às diretrizes da masculinidade e da feminilidade são miras das ações de coerção, adequação e violência. Já em “Não dessa vez”, o videoclipe protagonizado pela família e a música cantada por pais aponta a indicação do público ao qual o foco foi investido. O combate à “ideologia de gênero” pregada na música é uma ação tida pelos produtores da paródia como urgente para resguardar a infância nos moldes conservadores do binarismo. Para tanto, não só fazem o apelo para mobilização descontextualizada de títulos que se assemelham a manchetes, como também de uma reportagem jornalística recortada para causar espanto e indignação. De modo geral, “Não dessa vez” trava uma guerra e declara o lado polarizado do qual está, o da falsidade sobre o debate de gênero. A instância moral constitui, assim, os enunciados das músicas e exercita pedagogias cujas bases são conservadorismos, vigilância da infância e mobilização de estereótipos pelas cores, por objetos e por uma fase de aprendizagem do começo da vida.

Guacira Louro (2008, 2017, 2020) nos alerta para a onipresença das normas e suas armações que se dão de forma sorrateira e compulsória para a vida.

*Somos todos instados a permanecer no território de gênero para o qual fomos designados ao nascer. Pedagogias são exercidas cotidianamente e continuamente por meio da família, da escola, da mídia, das leis, das igrejas, da medicina para garantir que cada um ou cada uma de nós ‘adquiram’ e mantenham ‘coerentemente’ seu gênero e, por conseguinte, sua sexualidade (LOURO, 2017, p. 77).*

As músicas e os videoclipes são algumas das estratégias pedagógicas para agir no cotidiano e provocar reações em seus públicos. Por meio da invocação de preceitos religiosos e bíblicos, destaque da infância e da necessidade de proteção de crianças e jovens das ideias associadas ao debate de gênero, são prescritas normas de aceitação ao corpo e ao gênero e de preservação de tais ideais na vida a começar desde a infância. Para encerrar, cabe ressaltar que, mais que o movimento analítico realizado aqui com base na ancoragem dos estereótipos, é importante estender o entendimento do que produções como estas significam socialmente. Ao instigarem a polarização entre o que é tido

como normal/aceitável daquilo que não seria, criam-se processos simbólicos de violência em um cenário político nebuloso no qual estamos imersos. Por isso, vídeos como esses configuram estigmas e imposições contra a vida de todos. Como Renan Quinalha (2019) sintetiza, a partir da discussão sobre a reiteração da então ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, quando assumiu a pasta em 2019, de que “menino veste azul e menina veste rosa”, estamos ante a polêmicas que precisam ser combatidas, isto é, nosso direcionamento precisa ser para o combate às violências e injustiças, além de que precisamos impedir que efeitos ideológicos como essas frases repetidas e entoadas sem nenhum constrangimento por conservadores cheguem a afetar a vida de quem já sofre pelas restrições normativas cotidianamente.

## Bibliografia

- AMOSSY, Ruth; HERSCHBERG-PIERROT, Anne. **Estereótipos e clichês**. São Paulo: Contexto, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 191-220.
- LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafraão: takes, cuts, close-ups**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>. Acesso em: 4 out. 2022.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-midiatizadora**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- NÃO dessa vez - Paródia Era uma Vez / Kell Smith | Ideologia de Gênero. Sr. e Sra. Lobo. [S. l.]. 2017, 4min27s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3CsHFAhpOM>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- NOSSO gênero vem de Deus (Clipe Oficial). Trio R3. [S. l.]. 2018, 4min9s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vXo7cyfRLAc>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- PROCÓPIO XAVIER, Mariana Ramalho; VIEIRA FILHO, Maurício João. Conservadorismo acima de tudo e de todos: imaginários sociodiscursivos nos discursos de posse presidencial de 2019. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 14, n. 3, p. 97-117, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rmc.v14i3.43167>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- QUINALHA, Renan. **“Menino veste azul, menina veste rosa”**: uma polêmica inútil? 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/menino-veste-azul-menina-veste-rosa/>. Acesso em: 26 set. 2022.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**: a intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

TREVISAN, João Silvério. As patrulhas da moral e da família. *In*: TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 471-483.

Recebido em: 05-10-2022

Aceito em: 12-05-2023